

*Luiz Verissimo*

## REGISTRO

### TREINO

● "Saiu o CooJORNAL, o boletim da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre. Muito bom, dirigido aos associados para mantê-los em dia com todas as atividades da Cooperativa, e também uma espécie de treino para o semanário que pretendem lançar em abril do ano que vem. Treino não é jogo, certo, mas a julgar pelo CooJORNAL a Cooperativa já está pronta para entrar na divisão principal. (De Luiz Fernando Veríssimo, jornal "Zero Hora" de 26 de novembro, página 6)

### INFORMATIVO

● "A Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre, lançou o seu boletim de circulação dirigida. O número um do CooJORNAL traz bom material informativo sobre jornais e jornalistas (Coluna "Plano Geral", do Jornal "Folha da Manhã, edição de 14 de novembro)

### SUPRESOS

● "J. Prado Magalhães e João Ferreira Neto, os dois jornalistas que planejaram e fundaram o "Jornal do Inter" em 1971 estão surpresos com uma nota publicada na primeira edição do Coojornal na qual se anuncia o primeiro aniversário da publicação no último dia 15. Eles acharam muito curiosas, também, as críticas de um idealizador do novo JI contra os criadores do JI, que, por sinal, cederam o título do jornal e licença para o seu relançamento, sem cobrar nada". (Do jornal "Folha da Tarde", edição de 14 de novembro de 1975)

### ÊXITO

● "Acusamos o recebimento do primeiro número do CooJORNAL, que muito agradecemos. Estão de parabéns os jornalistas gaúchos pela excelente qualidade das matérias neste número. Cyril G.P. Walter, assessor de relações públicas da Squibb Indústria Química S.A., São Paulo. (carta recebida em 27 de novembro último)

### MERCADO

● "Acusamos o recebimento do primeiro número do CooJORNAL, veículo que em nossa opinião, já na estréia, foi além do que pretendiam seus idealizadores: um órgão de contato com o quadro social da entidade. Pelo tipo de matérias publicadas, com informações de áreas tais como profissional, de pesquisa, ensino e cooperativismo, estamos certos de que reúne todas as condições para firmar-se numa faixa própria do mercado. Por tudo isso, Senhor Presidente, receba os cumprimentos da Diretoria do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Porto Alegre, que gostaríamos de ver transmitidas a toda a equipe que colabora com o CooJORNAL. Atenciosamente, João Borges de Souza, presidente do Sindicato dos Jornalistas de Porto Alegre. (carta recebida em 1º de dezembro último)

### GENERALÍSSIMO

● "Senhorita Secretária: Telegrafe para a moçada do CooJORNAL, modestamente chamado de Boletim da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre. Transmita-lhes meus mais calorosos e sinceros cumprimentos. Ainda não li direitinho o nº 1 do seu ano 1, mas já gostei muito. A idéia é ótima e não pode, de jeito nenhum, morrer da chamada doença do sétimo número. (Da coluna "Sala de Redação", de Cândido Norberto, publicada no dia 15 de novembro último, na página 2 de Zero Hora).

- Estudante aprende é no trabalho (opinião dos estudantes).
- Como o jornalista pode manter a lucidez em tempos difíceis ?
- Leia "A verdade, não o ópio"
- Em outubro, Tv Guaíba no ar.
- Zero Hora quer entrar no filé dos classificados.
- Correião vai deixar ?
- Um novo curso superior em Santa Maria em 76: cooperativismo

# COOJORNAL

BOLETIM DA COOPERATIVA DOS JORNALISTAS DE PORTO ALEGRE

Foto de Jacqueline Joner. Setembro de 1975; Máq. Pentax SP 500 Lente: 28mm Taumar. Filme Tri-XASA/Vel. 1/125 Diafragma 5,6



Os salários estão caindo e não há vagas.

Esta a situação em Porto Alegre

# COOJORNAL

**DIRETORIA**  
 Presidente: José Antônio Vieira da Cunha  
 Vice-Presidente: Luís Cláudio Cunha  
 Secretária: Rejane Baeta

**CONSELHO ADMINISTRATIVO**  
 Carlos Henrique Bastos  
 Danilo da Silva Ucha  
 Jorge Olavo de Carvalho Leite

**Suplentes:**  
 José Félix Valente  
 Victor Hugo Sperb  
 Sérgio Caparelli

**CONSELHO FISCAL**  
 Antônio Britto Filho  
 Luís Francisco Terra Júnior  
 Érico Valduga

**Suplentes:**  
 João Borges de Souza  
 Tomás Irineo Pereira  
 Carlos Fernando Karnas

**CONSELHO EDITORIAL**  
 Elmar Bones da Costa  
 Gerson Schirmer  
 Jorge Polydoro  
 Luís Cláudio Cunha  
 Rosvita Saueressig

**ADMINISTRAÇÃO**  
 Eládio Dios V. da Cunha (gerente-administrativo), Iná Terezinha Novo (secretária),

**DEPARTAMENTO COMERCIAL**  
 Gabriel Matias (diretor), Valmório Oliveira Rios e Fernando Conceição.

**EDITOR RESPONSÁVEL**  
 Elmar Bones da Costa

**REDAÇÃO** - Adélia Yates Porto da Silva, Ademair Vargas de Freitas, Affonso Ritter, Anamaria Souto Torres, Angela Beatriz Zydan Riccardi, Antônio Britto Filho, Antônio Dreon Peres, Arthur Monteiro, Carlos Kolecza, Carlos Henrique Bastos, Carlos Urbim, Carlos Mosmann, Celson Antonio da Rosa, Claiton Selistre, Cláudio Aquistapace da Silva, Cláudio Barcelos, Danilo Ucha, Delmar Marques, Fernando Albrecht, Érico Valduga, Erni Quaresma, Euclides Torres, Floriano Soares, Gládis Ibarra, Imara Stalbaum, Jandira Maria César, João Borges de Souza, Jorge Olavo de Carvalho Leite, José Antonio Vieira da Cunha, José Antonio Ribeiro, José Félix Valente, Licínio de Azevedo, Luiz Carlos Merten, Luiz Cláudio Cunha, Luiz Francisco Terra Júnior, Luiz Gonçalves da Fonseca, Maria Angélica de Moraes, Maria Wagner, Marina Wodke AbuJamra, Mário Marcos de Souza, Marques Leonam Cunha, Nirce Goyman, Osmar Trindade, Otacilio Grivot, Paulo de Tarso Riccardi, Paulo Gerson de Oliveira, Pedro Maciel, Regina Vasquez, Renato Walter Molina, Hermelindo Macedo, Clóvis Malta, Omar de Barros Filho, João Carlos Ferreira da Silva, Lenora Maria Vargas, Divino Fonseca, Eva Maria de Castro, Maristela Bairros, Luiz Vitello, Telmo Cunha Zanini, Iara Bendati, Afonso Licks, Rogério Mendelski, Victor Hugo Sperb, Ana Amélia de Lemos, José Onofre, Alberto André, Alberto Blum, Flávio Vieira Dutra, Jorge Roberto Martins Freitas, Renan Antunes de Oliveira, Antonio Gonzalez, Mário Villas-Boas da Rocha, João Batista Aveline, Dorival Pacheco, José Lauro Dieckman Siqueira, Rejane Baeta, Fernando Lemos Goulart, Paulo Burd, Agnese Schifino, Carlos Salzano, Laila Pinheiro, Marinória Schilling Osório, Hélio Gama, Geraldo Hasse, Gilberto Pauletti, Jorge Escosteguy, Luiz Matzenbacher, Olyr Zavaschi, Flávio Porcello, Virson Holderbaum, Carlos Fehlbeg, Jussara Cecília Coelho, Luiz Paulo Pilla Vares, Paulo Maciel, Luiz Afonso Franz, André Pereira, Eugênio Bortolon, Mário Luiz Madureira, Roberto Manera, José Antonio Simch da Silva, Sérgio Caparelli, Lauro Quadros, Marcelo Oscar Lopes, Antônio de Oliveira, José Antonio Pinheiro Machado, Sílvia de Souza Costa, Judith Martins Costa, Sérgio Toniello, Sérgio Becker, Roberto Alves D'Azevedo, José Erasmo Nascente, Edgar Lisboa, Edson Chaves Filho, Carlos Karnas, Valdir Paz, Ivan Pinheiro Machado, Maroni João da Silva, Vera Regina Monteiro, Amauri Mari de Melo, Paulo Garcia de Macedo, Marco Antonio Schuster, Otilia Goulart, Roberto Appel, Ivon Egon Stigger, Elaine Lerner, Alda Suzete Souza, Carla Irigaray, Tânia Barros, Tânia Jamardo Faillace, Santa Irene da Rosa, Paulo Denis Pereira, Ayrton Kanitz, Pedro Garcia de Macedo, Terezinha Tellini Figueiredo, Iraporan Müller, Zélia Dambrowski Leal, Luiz Alberto Arteché, Neusa Maria Ribeiro, Marcos Antonio Baggio, Edna Della Nina, Armindo Antonio Ranzolin, Vilmo Medeiros, Paulo Poli, André Jockyman, Jayme Copstein, Raul Rübenich, Cíntia Nahra Leal, Leonardo Berlese Dourado, João Paulo Lacerda, Luiz Fernando Silva, Verlaine Silveira, Adroaldo Spindola Correa, Vera Barcelos, Sibyla Loureiro dos Santos, Maria da Graça Seligman, Humberto Andreatta, Christa Kuschick, Luiz Carlos Mello e Gabriel Matias.

**FOTOGRAFIA** - Ricardo Chaves, Leonid Streliaev, J.B. Scalco, Carlos Rodrigues, Jaime Klintowitz, Sílvio Ferreira, Gerson Schirmer, Olívio Iamas, Sérgio Arnoud, Luís Abreu, Edgar Planella, Assis Hoffmann, Antonio Carlos Mafalda, Maria Eneida Serrano, Jacqueline Joner, Alfonso Abraham Ilheureux, Fernando Augusto Bueno e Hipólito Pereira.

**ARTE** - Jorge Polydoro, Julieta Nunes Pereira, Leo Tavejnhansky, Ademir Fontoura, Maria da Graça Guindani, Maria Inês Burger Marques, Lilian Bem David, Nilson Figueiredo, Jane Peters, Bigi Polydoro, Neusa Tasca e Carlos Milton de Góz Rios.

**CARTUNS** - Edgar Vasques, José Guaraci Fraga, Cláudio Levitan, Sérgio Batsow e Ronaldo Westermann.

**COLABORADORES** - José Teófilo Abu-Jamra (economista), Gumercindo Coitinho (advogado) e Francisco Lopes (médico).

## Escreva, fale, diga

Este boletim procura o diálogo com a classe. Procura o debate, a discordância, a opinião, o alô. São bem-vindos, portanto, todas as manifestações (dicas, comentários, sugestões, críticas, artigos) escritas, faladas ou telefonadas (24-09-51). Se alguém leu um livro sensacional e acha que deve recomendar aos outros, manda um recadinho prá cá. Se acha que este jornal ou outro jornal ou um programa de Tv, ou a cidade, o país ou o mundo está uma droga ou está ótimo, manda dizer prá gente. Nós estamos interessados em saber o que o pessoal anda pensando. Afinal essa história de que basta mexer o corpo, é furada. Estamos precisando mexer a cuca.

Para mandar o material, basta entregar às seguintes pessoas: André Jockyman ou Antonio Brito ou Sérgio Caparelli na Caldas Júnior, João Aveline na Zero Hora, Rejane Baeta, na sucursal da Editora Abril, Danilo Ucha na sucursal do Estado de São Paulo, Osmar Trindade na Tv Gaúcha. Ou enviar para a Comendador Coruja, 372.

## Boletim para cooperativa de consumo da CEEE

Preocupada em ampliar o número de sócios e em ter uma comunicação mais direta com os mesmos, a Cooperativa de Consumo dos Empregados da CEEE vai lançar em 15 de dezembro um boletim executado pela redação da Coojornal. Será um tablete de oito páginas, que vai mostrar aos associados da COOCEEE como funciona a sua cooperativa e divulgar as suas preocupações, entre elas: manter um rígido controle da qualidade dos supermercados e loja.

## Instituto de Planejamento, novo cliente

Porto Alegre é a sede do Instituto Brasileiro de Planejamento, entidade que reúne técnicos de todo o País que trabalham na área do planejamento. São mil associados entre advogados, arquitetos, sociólogos, engenheiros, assistentes sociais e outras profissões, que receberão mensalmente o Boletim IBP, um dos novos projetos da Coojornal. No tamanho tablete e com oito páginas, esta publicação vai levar aos planejadores informações sobre congressos, serviço de livros, os melhores trabalhos de planejamento que estão sendo feito no País.

**TRIGO E SOJA**

COOPERATIVAS E PRODUÇÃO DE SEMENTES

Trigo e Soja, circulando

## Matias assume o departamento comercial

Mais um passo no processo de organização interna da Coojornal: a criação de um Departamento Comercial para apoiar os outros setores que já estão funcionando a toda máquina - setor de jornais de empresa, Jornal do Inter, serviços para terceiros.

Gabriel Matias, jornalista e publicitário, ex-chefe da sucursal do Correio da Manhã em Porto Alegre, vice-presidente da Públicas e da Associação de Proteção ao Consumidor, é o responsável pelo novo departamento.

**Jornal do INTER**

**Sou o Falcão da camisa 5**

Os pontos perdidos nos aviões

Último JI, nas bancas

**BIU**

O QUE MUDOU NO SEGURO DE AUTOMÓVEIS

MERCADO DE LONDRES, PIONEIRO HÁ 300 ANOS

SAIBA COMO RECEBER MAIS RAPIDAMENTE

Boletim União, nº 3

## Semanário: uma pesquisa e um nome registrado

O que o público espera de um novo jornal em Porto Alegre e no Rio Grande do Sul? Para buscar respostas a essa pergunta a Coojornal inicia na primeira quinzena de dezembro uma série que os homens de pesquisa e de marketing chamam de "group discussion" (discussão em grupo) e que consiste em reunir um determinado número de pessoas que seriam representativas dos leitores potenciais do jornal e discutir o assunto com elas.

Nas reuniões, que podem ter oito ou dez pessoas, de interesses, formação e atividade variadas, faz-se uma análise dos jornais existentes, apresentam-se "bonecos" e pilotos do que seria o novo jornal e se discute livremente. Tudo é gravado e o resultado permite traçar um perfil do leitor médio, a faixa de seus interesses, etc. A Coojornal pretende fazer cerca de 20 reuniões dessas selecionando pessoas da classe A e B, (incluindo universitários), e usar esta pesquisa como ponto de referência para o planejamento do seu semanário. Nesse trabalho, conta com a assessoria de Francisco Pinedo, ex-publicitário e hoje diretor de Marketing da Rede Real.

Ainda sobre o semanário, a Coojornal está encaminhando o registro do nome "Repórter", o que não significa que este será o nome definitivo. É o mais cotado por enquanto, mas aceitam-se sugestões e críticas.

## Premio Esso regional para Delmar

Migração e Marginalização, uma série de quatro reportagens publicadas na Zero Hora, deu a Delmar Marques o Prêmio Esso de Jornalismo Regional de 1975. Delmar, hoje repórter do Bancário (um projeto da Coojornal) coletou dados e pesquisas durante anos sobre o problema da marginalização como consequência da migração rural e reuniu-os nesta série de matérias. Juarez Bahia, do jornal do Brasil, ganhou o prêmio principal do concurso com uma série sobre tóxicos.

Este boletim foi impresso nas oficinas da Companhia Riograndense de Artes Gráficas, Corag, que, segundo seu presidente Antonio Mesquita, está numa nova fase, reativando as suas atividades de prestação de serviços a empresas privadas. A Corag possui o mais completo parque gráfico do Estado, com um conjunto de impressoras off-set rotativas e planas, dois equipamentos de foto-composição, composição tipográfica e a frio, guilhotina tri-facial eletrônica etc. que lhe permitem executar qualquer trabalho gráfico de alto nível em preto e branco ou até quatro cores.

## Uma república cooperativa

O fato foi pouco divulgado no Brasil, mas a ex-Guiana Inglesa (vizinha da Guiana Francesa e do Suriname, ex-Guiana Holandesa) chama-se agora República Cooperativa da Guiana.

A nova República fez do cooperativismo a sua forma principal de governo. O cooperativismo lá é adotado como um modelo global, nos setores econômico, social cultural e político.

A ênfase maior é dada atualmente no ensino, com amplo programa chamado de Educação Cooperativista.

Na nova República Cooperativa da Guiana, ninguém pode registrar qualquer diploma de nível médio ou superior sem ter concluído algum curso de cooperativismo.

Uma das organizações encarregada de divulgar a idéia do cooperativismo é o colégio Cooperativo de Kuru-Kuru, que elaborou até um decálogo para as cooperativas. O decálogo contém ensinamentos como estes:

"Ajudarei minha cooperativa com minhas operações e encorajarei meus amigos a utilizá-la, porque no volume desta está sua força"; "Não esperarei milagres de minha cooperativa, mas insistirei em receber dela utilidades não adulteradas e serviços eficientes"; e

"Lembrar-me-ei sempre que minha cooperativa sou eu mesmo e outros como eu e que seu comportamento será o reflexo de minha conduta".

## Pequena contribuição

O Brasil possui mais de 3200 cooperativas agrícolas, com cerca de dois milhões de agricultores associados e que são responsáveis por 19 por cento das exportações brasileiras dos principais produtos básicos, excetuando-se o café, o açúcar e metais não ferrosos. Essas cooperativas respondem por 50% das exportações de soja, 43% das de banana, 51% das de melão, e 25 por cento das exportações de banana.

É um sistema que o governo pretende fortalecer por ser o único capaz de garantir a sobrevivência da maioria dos pequenos proprietários rurais, (que são unidos em cooperativas podem fazer frente ao avanço das grandes empresas) e de preservar em mãos brasileiras a produção e comercialização de boa parte da produção agrícola.

Mas é um sistema com muitas falhas, enfrentando grandes dificuldades, cuja solução não dependem apenas das intenções do governo. Uma destas falhas é a falta de um programa de comunicação para levar as informações, a orientação, a divulgação dos fundamentos do cooperativismo tanto aos associados quanto a outros setores da população.

Por isso a Coojornal, que reúne profissionais da comunicação, está incluindo entre seus objetivos a defesa e a difusão do cooperativismo. As cooperativas e não apenas as de produção, mas também as de consumo e de trabalho que enfrentam problemas maiores ainda, se incluem a partir deste número entre os assuntos deste boletim.

### É bom não confundir...

No momento em que a poderosa Copersucar (34º lugar entre as cem maiores empresas do Brasil) ganha destaque nos noticiários devido à contratação de Emerson Fittipaldi é bom lembrar que ela é uma cooperativa de grandes usineiros e não de pequenos proprietários como devem ser

todas as cooperativas, e está fora da lei. Pelo decreto 5.764 que em 1971 definiu a política nacional de cooperativismo a presença de pessoas jurídicas em cooperativas só é permitida quando representados na associação os setores de produção, processamento e comercialização. E na Copersucar só existem os setores de processamento e comercialização.

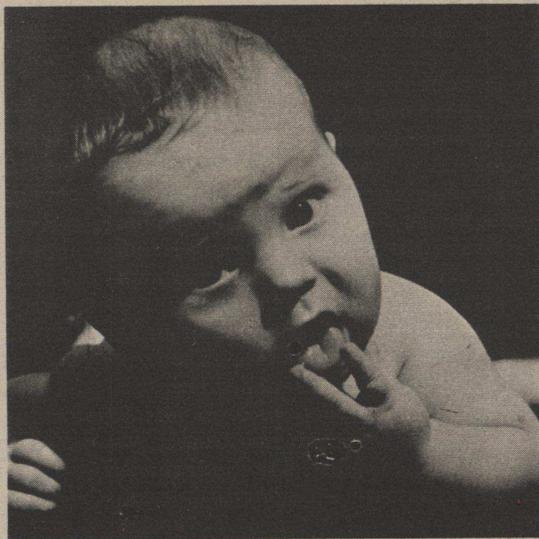
## Novo curso superior em SM

A Universidade Federal de Santa Maria terá no ano que vem o primeiro curso de nível superior sobre cooperativismo do país. Com duração de três anos, o curso aceitará inicialmente 30 estudantes interessados ou ligados à cooperativas. O objetivo principal é de formar técnicos habilitados em conhecimento e administração nesta área.

A profissão de técnicos em cooperativismo, conforme a opinião do departamento jurídico da Organização das Cooperativas do Estado do Rio Grande do Sul (OCERGS), tem um bom mercado de trabalho e é altamente rentável.

O curso funcionará junto ao Departamento de Ciências Agrícolas da UFSM e contará com professores especializados, escolhidos pela OCERGS entre os mais entendidos em cooperativismo no Estado. Os interessados poderão ainda entrar em contato com alguma cooperativa e tentar obter uma bolsa para custear sua manutenção e estudos através do Fundo de Assistência Técnica, Educacional e Social.

Segundo a OCERGS este curso é de extrema importância para o Rio Grande do Sul porque "as cooperativas de produção cresceram muito comercialmente e administrativamente, mas os recursos humanos não acompanharam e evolução".



## Adote um problema.

Ecologia, mais do que um problema, hoje é moda. Corta árvore, planta árvore, polui daqui, filtra de lá, corre pro campo no fim-de-semana, respira fundo, volta pra cidade e encontra a casa arrumadinha. Pra que? Amanhã, a moda vai ser outra. Só o que não entra na moda é adotar crianças. Claro, exige bem mais do que um pedacinho de terra e alguém pra regar de vez em quando. Exige um amor todo humano. Porto Alegre tem mais de 60 mil crianças carentes. Todas precisando de um lar que lhes dê abrigo e carinho. Todas querendo chances de ser um pivete a menos, na história pálida dos jornais. Você pode mudar o destino de uma delas. Não entenda esse apelo como coação, mas a criança que você adotar hoje não assaltará ninguém, nunca. Principalmente se você agir logo. Adote este problema. Ele teve dor na barriguinha, à noite passada. Era pura fome.

### Escala Publicidade

## O magro que virou Bonifácio

João Aveline

O magro passou no vestibular e não perdeu tempo. Entrou na primeira redação de jornal que encontrou pela frente e perguntou a um repórter que batia sua matéria: "Quem é o chefe da boca?" O que estava sentado mostrou com o nariz o chefe de reportagem, que estava escarrapachado na sua cadeira, pensando na produção.

— Chapa, disse o candidato a foca, fiz o vestiba, passei e tô aqui prá ver se pinto na prática!" O chefe de reportagem olhou o magro, não fez fê, mas arriscou: "Senta naquela máquina (em jornal a gente não senta na cadeira) e faz um negócio qualquer".

O magro, que andava louco para dar um malho nuns troço que ele achava careta, botou papel na máquina e castigou o teclado. Deu uma de cronista. Lascou:

O homem já não é gente. O caso de Bonifácio Pereira é um exemplo. Pensando bem ele já nem tem mais nome. De manhã, antes mesmo de sair da suacasinha, é apenas um locatário. Sai em direção ao ônibus, caminhando a pé e é simplesmente um transeunte. Quando embarca no coletivo, já é um passageiro. Desembarca no centro e dá um telefonema pro patrão prá dizer que vai chegar um pouco atrasado. Quando tira o fone do gancho, torna-se um usuário. O patrão responde que se já está queimado no horário, nem apareça, o dia está perdido. Ele então lembra de fazer umas coisas. Por exemplo: tirar ficha para a mulher no INPS. Lá se foi. Quando chegou no guichê, era um segurado da previdência social. Aproveitou e fez uma consulta com o médico que estava dando sópa na clínica geral. A enfermeira o recebeu dizendo: "Felizmente o senhor é o último cliente da manhã".

À tarde, já que o dia estava na base da folga, foi à Cooperativa Habitacional, a fim de ver como estava sua colocação na fila. Teve uma boa notícia: o contrato já estava para ele assinar. A casa só daqui a um ano. No momento em que o Bonifácio caneteou o contrato leu em baixo da linha do nome: mutuário. Era a sua nova condição. Pensou, faceiro: é o máximo o cara ser mutuário do BNH. Depois refletiu: mas tem uma coisa, o sujeito só é dono da casa quando morre.

Botou o pé na rua e resolveu curtir um cafezinho. Quando pediu um "crioulo em xícara fria", o garçom respondeu gentil: "pois não, freguês".

Bonifácio não cabia em si de tão contente: uma folga no meio da semana, depois da quarta, quando à noite, tinha sido um torcedor no jogo do Beira-Rio. Uma ficha do INPS para a patroa, o que não é coisa fácil. A consulta com o médico que lhe disseram que está novinho em folha, zerinho da silva. E ainda o contrato do BNH. Decididamente o dia tinha sido proveitoso.

## Jornalista fora de jornal

É UM SINAL DOS TEMPOS: MUITOS BONS JORNALISTAS ESTÃO TROCANDO AS REDAÇÕES POR EMPRESAS. O GAÚCHO PATRICIO BENTES (CORREIO DA MANHÃ. UH, PLACAR, REALIDADE), CHEFE DO DEPTO. DE CRIAÇÃO EDITORIAL DO UNIBANCO É UM DELES. SEU DEPOIMENTO:

Em meu currículo profissional, o dia 17 de junho de 1974 ocupa um lugar de destaque. Era uma sexta-feira, a primeira em que deixei de ser cliente de uma organização bancária e me transformei num profissional a seu serviço.

Em princípio, a situação não me agradava. Como todo profissional, não via com bons olhos a idéia de transferir-me de uma redação para uma empresa privada. Mas que remédio! O mercado está cada dia pior. Os salários baixando. A censura existe. E os empresários só estão investindo em máquinas. Em gente que pense e faça essas máquinas funcionarem ninguém põe dinheiro. O jeito foi aceitar o convite. A sobrevivência falou mais alto.

Dentro da nova realidade, a primeira preocupação foi entender porquê uma instituição financeira estava tão interessada em melhorar seus canais de comunicação com sua comunidade interna e com a sociedade. A explicação: a direção da empresa tinha concluído que a melhor política de marketing era utilizar a informação corretamente.

O segundo passo foi estudar o mercado, a realidade da empresa - espalhada por todo o país - e a estrutura necessária para desempenhar profissionalmente a nova função. Primeira conclusão: era preciso assumir outras responsabilidades - se me interessava realizar um bom trabalho. O jornalista transformou-se também em pesquisador e administrador.

Em termos de mercado, cheguei a primeira constatação importante: quem cuida da informação na empresa não é o jornalista. Seu lugar está ocupado por relações-públicas, publicitários, promotores de venda, responsáveis por departamentos de pessoal, áreas industriais e de relações humanas. Jornalista que se preza só aceita exercer tal atividade quando em fim de carreira. Triste realidade: existe um imenso mercado de trabalho ocupado por gente que tem outra formação e preocupação. Conseqüência: os jornais de empresa, em geral, nada mais são que simples boletins a serviço de uma política de vendas ou divulgações dos atos paternalistas dos executivos.

Depois de analisar as publicações existentes na empresa, o tipo de gente que as executavam e as expectativas dos empregados espalhados por quase todos os Estados, cheguei à conclusão de que era possível mudar tal estado de coisas. Como o público leitor se constituía de pessoas com grandes diferenças culturais e, por conseguinte, tinha aspirações diversas, optamos em transformar o jornal da empresa num veículo auxiliar da imprensa, uma espécie de órgão de segunda linha, que teria a finalidade de localizar os ruidos informativos não absorvidos pela massa e transmiti-los. Publicações que tivesse o homem como sua preocupação fundamental e que divulgassem a cultura nacional e nossa realidade urbana e rural.

Os vinte mil funcionários do Unibanco consomem o jornal com grande avidez. Os concorrentes procuram imitar a fórmula. A direção da empresa fala com orgulho de suas publicações. Os colegas jornalistas descobriram que existe um novo mercado e que já é tempo de assumirmos os desafios dos tempos modernos. Hoje, o jornalista tem que ocupar funções que outros profissionais exerciam. Temos que ser redatores, administradores, pesquisadores. Para isso é necessário renovar-se constantemente.

Neste ano de 1975 já produzimos 59 produtos (jornais internos, revistas econômicas para o exterior, suplementos especiais, cartas econômicas, histórias em quadrinhos, etc), perfazendo um total de 320 mil exemplares.

Assim, distraidamente, pensando na sua vidinha, Bonifácio atravessou a rua, sem dar conta de que um baita dum ônibus vinha à bala prá cima dele estatelou-se no asfalto, mas, felizmente só uns arranhões, ainda que sentisse uma forte dor em uma das pernas. Foi levado ao pronto socorro, onde foi tratado como paciente. Perguntaram se era associado do INPS, se tinha carteira, se estava atualizada, se ele já tinha ido ao posto médico, se tinha carência, se estava em dia com as contribuições e outras coisas. A dor na perna e o balaio de perguntas tiraram o Bonifácio Pereira do sério e ele entrou numa baita fria. Deu um direto na cara do burocrata que fazia o interrogatório e

foi em cana. Autuado em flagrante por agressão. No fim da tarde, Bonifácio Pereira não era mais nada daquilo que tinha sido durante o dia. Estava na penitenciária e era simplesmente um apenado.

Terminara o teste do magro. Ele pegou as duas laudas e entregou ao chefe de reportagem. O homem leu, olhou o foca nos olhos, meio irritado, e cortou as asas do candidato a jornalista: "Não é nada disso, velho. Tu prá fazê crônica tem ainda que dá muito duro. Aparece daqui uns dois meses".

O magro foi embora, bateu em outras portas. Mas não teve vez. Então perdeu a perspectiva e caiu na linha do Bonifácio. Como ainda não tem 21 anos, hoje é apenas um menor carenciado.

## Bastos sai da tv

Mais mudanças na Televisão Gaúcha. Desta vez, sai Carlos Bastos, diretor do Departamento de Telejornalismo, que em janeiro assumirá novas funções na Rádio Gaúcha. Vai estruturar alguns departamentos da rádio.

A RBS ainda procura um nome para substituir Bastos na direção do Telejornalismo.

## Um dia sem cinema

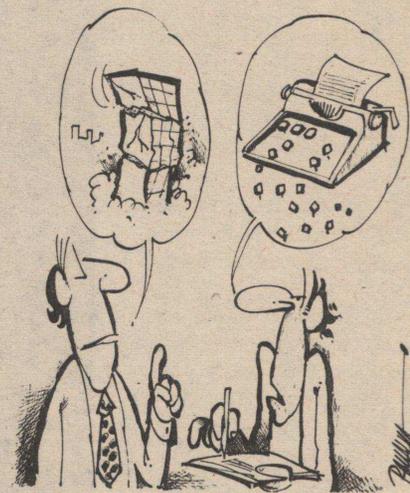
Pela primeira vez nos últimos 12 meses, uma edição da Folha da Manhã saiu sem nenhuma linha sobre cinema. Foi a edição do dia três de dezembro: no dia anterior, o responsável pela seção nos últimos quatro anos, o crítico Luiz Carlos Merten, pediu demissão. Seu substituto, segundo se comentava dois dias depois, seria o Tuio Becker, também crítico de Cinema no jornal Zero Hora.

## Trinta dias de férias

Os jornalistas de São Paulo firmaram acordo dia 2 de dezembro com os patrões acertando que as férias proporcionais serão calculadas com base em período de 30 dias e não mais de acordo com os critérios da Consolidação das Leis Trabalhistas (vinte dias úteis). Os cariocas conseguiram isso há dois anos. Em Porto Alegre em todos os dissídios se discute o assunto, mas nada muda.

## Emprego no interior

Vários jornais do Interior do Estado estão empenhados em formar boas equipes e a Coojornal está disposta a colaborar com eles. Os interessados devem nos procurar no horário comercial (falar com Rosvita). Há chances para colocação imediata.



## Lidar com dinamites é menos perigoso

Resposta do engenheiro Mark Loiseaux, da Cid, empresa que implodiu os 27 andares do edifício Mendes Caldeira, em São Paulo, aos repórteres que não entendiam como ele se atrevia a executar o seu trabalho (acionar 450 quilos de dinamite para derrubar 36 toneladas de tijolos e concreto) sem um seguro de vida: — "Bobagem esse negócio de seguro. Posso garantir que o meu trabalho é muito mais seguro que o de vocês".

# À procura de emprego

EM 3 MESES, MAIS DE 80 JORNALISTAS PERDERAM SEUS EMPREGOS EM PORTO ALEGRE. A MAIORIA AINDA ESTÁ SEM TRABALHO.



Caco: de repórter...



... a motorista de táxi

## "... e eu voltei ao táxi"

DEPOIMENTO DE CACO BARCELOS, EX-REPÓRTER DA FM

Abandonei o curso de engenharia no segundo ano por causa do jornalismo e para trabalhar na Folha da Manhã, numa oportunidade surgida em agosto de 1972 quando houve uma mudança na redação do jornal. Nessa época eu trabalhava em táxi pra sobreviver pagando a faculdade da Puc e me entusiasmei com os comentários que ouvia entre os profissionais de várias empresas da imprensa de Porto Alegre.

Falava-se que a FM a partir de 72 iria representar uma revolução no meio jornalístico do Estado, pois havia contratado bons profissionais pra fortalecer editorialmente o jornal e formar uma equipe de novos repórteres e redatores (onde fui incluído) que futuramente seriam bem pagos.

"Ninguém vai precisar ser chapa branca na Folhinha", diziam pra mim que ainda não sabia que chapa branca era o jornalista que, mal pago em jornal, se obrigava a ter um segundo emprego nas assessorias de imprensa do governo. "Mas não será fácil", também se comentava, "tudo dando certo, toda uma classe profissional será beneficiada". Já nos primeiros dias de reportagem fiquei sabendo que os novos inicialmente pagariam o ônus - muito empenho, salários baixos, o bom jornal acima das coisas, etc. e eu até achei legal. continuei na batalha do táxi porque a Caldas Júnior poderia pagar o máximo de Cr\$ 350,00 aos novos, que na época equivalia a uma prestação mensal da faculdade de jornalismo.

Durante os quatro meses de estágio, continuei trabalhando em táxi de manhã, de noite, quando dava, porque eu estava envolvido naquela euforia do jornal que realmente se fortalecia editorialmente como estava previsto. Passou o estágio e veio a informação que os novos deveriam continuar

pagando o ônus, com o salário de Cr\$ 570,00 "porque a realidade profissional do repórter" (então eu já era um repórter porque havia passado do estágio) era incrível: a Folha da Manhã era o jornal que mais pagava no Estado. Era preciso continuar dirigindo táxis.

Mas conciliar corrida e reportagem, táxi e Folha da Manhã foi se tornando difícil na medida eu que me propunha a desenvolver o trabalho de reportagem: 24 horas em função de uma matéria (eu era repórter 5 horas), trabalho na madrugada, e viagens na segunda, no sábado, no domingo e até semanas inteiras. Com pouco mais de ano. de repórter deixei de ser motorista e assumi uma de "repórter independente". Mas isso só foi possível porque eu e um grupo de amigos, também profissionais na mesma condição, resolvemos morar junto numa mesma casa pra dividir despesas de aluguel, condomínio e tudo mais.

Passou o primeiro ano, o segundo, o terceiro e as dificuldades continuaram as mesmas. Em três anos de Folha da Manhã havia recebido a média mensal de mil cruzeiros, embora em 75 o meu salário fosse um dos mais altos entre os repórteres da FM, jornal que ainda mantinha os "melhores" salários jornalísticos do Estado.

Houve nesse período inúmeras promessas que não se concretizaram. E agora, em outubro de 75, uma nova mudança que acabou na saída de 21 profissionais "independentes". Pelo que parece foi uma atitude empresarial, decretando o fracasso da experiência da Folha da Manhã. Para os novos repórteres a situação tudo indica ter piorado. Sairam repórteres que ganhavam Cr\$ 2.480,00 e foram contratados outros por Cr\$ 1.500,00. E eu voltei a trabalhar em táxi.

A TV Gaúcha precisou contratar três profissionais, nesse mes de novembro, para preencher vagas abertas em seu departamento de notícias. E, embora os salários oferecidos girassem em torno de Cr\$ 1.500,00 e Cr\$ 2.000,00 apenas, trinta jornalistas subiram o morro de Santa Teresa para disputarem os empregos. Não é nada de causar surpresa, apenas um indicador claro e cruel de como anda o mercado de trabalho para os jornalistas profissionais em Porto Alegre.

Há outras evidências de que as perspectivas não são promissoras. O presidente do Sindicato dos Jornalistas, João Borges de Souza, diz que dos 67 jornalistas que trabalhavam no Hoje quando o jornal fechou, a maioria continua ou está recebendo menos agora do que no emprego anterior. Isto que o Hoje, fechou em agosto! Também os que saíram da Folha da Manhã por causa de sua crise interna, em outubro, estão encontrando dificuldades. A maioria continua procurando emprego.

Uma das causas importantes deste problema parece ser a falta de planejamento das faculdades de jornalismo, que estão formando profissionais para um mercado inexistente. A da PUC, por exemplo, formou 434 de 1966 até o ano passado. De 52 a 65, tinha formado 173. Enquanto isto, a UFRGS lançava, de 54 a 74, 195 novos profissionais no mercado. E de Pelotas, desde 1964, vinham mais 68. Como se não bastasse, mais duas faculdades foram criadas no interior do Estado: uma em São Leopoldo, da Unisinos, que formará 42 novos jornalistas em 76, e outra em Santa Maria, que trará 32 novos colegas.

É claro que as causas do desequilíbrio entre o número de profissionais e o número de empregos oferecidos não está apenas na falta de planejamento no ensino superior. Também é preciso que se tenha uma legislação adequada, que proteja o jornalista. Os sindicatos continuam lutando contra os colaboradores - que muitas vezes trabalham até gratuitamente - e para que também as rádios tenham que contratar jornalistas profissionais para produzirem seus programas. Além disto, é preciso manter vigilância constante para que as vagas abertas nas empresas sejam preenchidas por profissionais.

De qualquer forma, as perspectivas não são boas. As empresas dificilmente abrirão novas vagas nos próximos meses. Afinal, a crise econômica que atravessamos não está apenas nas matérias que escrevemos. A maioria dos novos empregos previstos não são, na realidade, novos empregos, mas apenas vagas abertas por causa da rotatividade. Isto fica claro no relatório do repórter André Jockymann.

A Folha da Tarde oferece atualmente dois empregos para repórteres, um no setor de Ensino e outro no setor de Economia. E para o ano que vem, de acordo com o Secretário Edmundo Soares, estão previstas 15 vagas em consequência da rotatividade normal de início de ano. Na Folha da Manhã não existem mais novos empregos, afirma o novo secretário, Valter Galvani. A não ser talvez, para março do ano que vem, quando poderão surgir alguns, para estagiários. E no Correio do Povo, embora o secretário Antônio Carlos Ribeiro diga que precisa de quatro repórteres, não se fala na criação de novos empregos. Quem conseguir entrar para o quadro de funcionários da Caldas Júnior, nas vagas que se anunciam, receberá como repórter estagiário, Cr\$ 1.030,00 se trabalhar cinco horas ou Cr\$ 1.500,00 se trabalhar sete horas.

A Zero Hora, o jornal que mais cresceu nos últimos anos e que atualmente tem o maior número de profissionais 215, não pretende ampliar seu quadro de profissionais para o ano que vem. Seu diretor, Lauro Schirmer informa que o aumento de 20 vagas que ocorrerá anualmente não deve se repetir em 1976. O motivo, segundo explica, é que a Zero Hora teve que aproveitar um bom número dos antigos profissionais do Hoje. De qualquer forma, se surgir alguma vaga para estagiário, o salário pago é de Cr\$ 750,00 e o inicial de repórter, de Cr\$ 1.700,00.

O editor chefe do Diário de Notícias, Olinto Oliveira, pensa em ampliar alguns setores do jornal mas, para isso, aproveitará os estagiários já empregados que poderão passar de Cr\$ 1.000,00 por mes a um salário inicial de repórter, Cr\$ 1.600,00. O Jornal do Comércio, vai oferecer dois empregos, também a estagiários, no mes que vem, com salário inicial de Cr\$ 900,00.

No rádio e na televisão, segundo o relatório de André, não existem perspectivas. Embora os salários sejam baixos, as vagas estão todas ocupadas e sempre que uma é aberta é imediatamente preenchida. Finalmente, a Cooperativa dos Jornalistas, que pretende ampliar o mercado, ainda está dando seus primeiros passos. Por enquanto, está dando trabalho a 15 profissionais.

O problema do mercado de trabalho limitado não afeta apenas os colegas desempregados. Com a facilidade que as empresas tem para encontrar profissionais para qualquer vaga que surja, podem manter baixos os salários de toda a classe. Não é de surpreender, portanto, que os salários iniciais para repórteres dificilmente sejam mais do que três salários mínimos. Para os estagiários, é difícil que chegue a dois.

## Tv Guaíba: em outubro a nova imagem no ar?

Outubro de 1976. Esta a data prevista para o funcionamento da quinta emissora de televisão do Estado, a TV Guaíba Canal 2. A informação foi dada pelo diretor da Companhia Jornalística Caldas Júnior, Francisco Antonio Caldas ao revelar que a maior parte dos estudos técnicos de instalação da emissora já estão sendo feitos.

Para jornalistas e profissionais de tevê, o canal promete ser uma excelente opção no restrito mercado de trabalho gaúcho. É que o novo Código Nacional de telecomunicação vai limitar os horários de programas nacionais, divulgados por redes, incentivando a realização de programações locais. E, segundo garante Francisco Antônio Caldas a TV Guaíba não tem interesse em fazer parte de nenhuma grande rede. Ao contrário, pretende ser uma emissora eminentemente local com a maior parte de sua programação feita em seus próprios estúdios.

## A mesma notícia do meio-dia à meia-noite

"O cinema de hoje ainda é feito em termos do teatro do século passado." Esta frase, do filósofo gaúcho Gerd Bornheimm, ocorreu-me uma noite destas, quando vi e ouvi, pela terceira vez, no mesmo dia e no mesmo canal de televisão, uma mesma notícia. Se houvesse mais um programa noticioso, tenho certeza, ouviria pela quarta vez a mesma notícia. Os informativos de televisão em Porto Alegre são feitos de forma muito antiga, não há termo de comparação, como no caso do cinema, porque nada antes se assemelhou a este meio de comunicação considerado teoricamente, já se vê dos mais rápidos e instantâneos que existem.

A frase do Gerd nada tem a ver com televisão ou com noticiosos, mas serviu para deflagar o raciocínio que me levou à conclusão que os produtores de noticiosos da televisão que se faz aqui ainda não descobriram que os telespectadores de tais programas são, de uma maneira geral, os mesmos nos diferentes horários. Quem vê (?) notícias ao meio dia é o mesmo que liga o televisor ao anoitecer ou no fim da noite. Quem se interessa pela notícia, tem um compromisso com ela, e por isso mesmo é que tais programas costumam ter horários certo. Existe, até, uma teoria que discute a validade da edição extra porque, sendo em qualquer horário, a notícia não chega a quem verdadeiramente se interessa por ela. Mas, isso é outra história.

O que eu quero dizer aqui é que é comum ouvir uma notícia ao

meio dia, ver o filme desta notícia ao anoitecer e saber mais detalhes à noite. Em primeiro lugar, isso não é maneira de fazer televisão e usar todas as possibilidades que ela oferece; em segundo, vá ser chato assim em outro lugar. É importante ressaltar, também que as notícias que se repetem são as de caráter local e, daí, entra outro problema da nossa tevê. a qualidade e o interesse do que é divulgado.

Os jornais impresso, que não andam lá muito bons em matéria de notícias (fato novo, que interesse ao maior número, etc.), sempre conseguem 20 ou 30 por cento de cada edição com assuntos que são realmente notícias. Na nossa televisão, a percentagem não chega a 2 por cento de todo o material divulgado.

O que está faltando? Equipamento técnico não é, pois todas estão suficientemente aparelhadas como demonstram quando fazem programas especiais. O que falta, me parece, é criatividade de repórteres, pauteiros, chefes de reportagens, redatores, diretores e, até, dos proprietários das empresas, talvez estes os mais responsáveis porque criatividade não se consegue apenas dizendo "vamos criar". Os repórteres, pauteiros, chefes de reportagens, redatores e diretores devem existir em número suficiente para atender um Departamento de Notícias e, principalmente, devem receber uma remuneração condizente com o trabalho de criação que lhes é exigido. Os salários dos repórteres de televisão em Porto Alegre oscilam entre os Cr\$ 800,00 e os Cr\$ 1.300,00 (dois ou três ganham Cr\$ 1.500,00) os redatores percebem de Cr\$ 1.000,00 a Cr\$ 2 mil. Uma televisão é quase como um jornal que tivesse quatro ou cinco edições diárias: precisa de grande mobilidade e rapidez para acompanhar, documentar e transformar o fato em notícia. Não é com pouca gente e pagando mal que se consegue isso.

(Danilo Ucha)

## Seleção de artigos do "Ex" não circula

"Quatro agentes que se identificaram como sendo do Departamento Estadual de Ordem Política e Social (Dops), apresentaram-se ontem na redação da Ex-Editora Ltda, com ordem de busca e apreensão da edição nº 2 da publicação "Ex-tra" (uma Seleção dos trabalhos publicados nas 12 primeiras edições do jornal "Ex") segundo nota distribuída pelos responsáveis pela editora. O jornal de 60 páginas ainda não havia circulado e os 30 mil exemplares da tiragem estavam nos depósitos da Distribuidora Abril, responsável pela distribuição da publicação". (Notícia publicada em O Estado de São Paulo de 2/12/75)

**nhã** **M**ENSTRUÇÃO retardada, suspensões, cólicas, tome uma capsula de Apio Sabina e Arruda. É o melhor remédio para senhora. Rua M. Floriano, 66 - Tubo 75. E 35762

## Zero Hora quer um pedaço do filé dos classificados

A Zero Hora está quase pronta para entrar numa faixa de leitores - e faturamento - que tem sido exclusividade do Correio do Povo: os anúncios classificados. Wilson Müller, do Departamento Comercial, diz que há um ano a empresa está pesquisando, aqui, no país e até no exterior, "para saber qual a faixa de mercado que nos sobra, porque o Correio tem 80 anos de pedigree no setor".

Os resultados dessa pesquisa só serão conhecidos em fevereiro mas isso não significa que poderá haver uma desistência. Pelo contrário, o diretor-presidente da RBS, Mauricio Sirotsky, já anuncia a compra "para o futuro" de mais duas unidades rotativas para a impressora off-set. O que permitirá ao jornal rodar com até 120 páginas (a ZH dominical de agora já precisa ter seus suplementos encartados). E para compor os classificados, a maior dificuldade dos jornais, Mauricio Sirotsky informa que está para chegar uma leitora ótica, máquina capaz de compor 400 linhas por minuto.

A exclusividade de um jornal em cada cidade sobre os pequenos anúncios não é, como muitas vezes se pensa, uma lei do mercado. Em São Paulo, por exemplo, o Diário Popular - fundado há 91 anos e pioneiro nos classificados - detém uma faixa do mercado, apesar de maior tradição e penetração de O Estado de São Paulo. Principalmente nos anúncios de empregos dirigidos às classes C e D. E o Diário Popular não se baseia nas assinaturas. Assinaturas tem sido quase uma regra para os jornais que atuam nos classificados. Tanto que a Folha de São Paulo, na tentativa de pegar uma fatia dos pequenos anúncios está investindo agora numa campanha de assinaturas do jornal.

O Correio do Povo, que na edição dominical de 16 de novembro tinha 52 páginas de pequenos anúncios entre as 94 do jornal, também se prepara. Comprou 12 grupos de máquinas no leilão do Correio da Manhã, no Rio, entre rotativas, linotipos e equipamento de estereotipia. Atualmente o volume de classificados "afoga" as oficinas a partir de quinta-feira.

Sérgio Monte, gerente do Departamento Comercial da Caldas Júnior, vê a entrada da Zero Hora nos pequenos anúncios como "uma concorrência boa, porque aprimora o trabalho". E diz que "vamos fazer de tudo para preservar nosso público anunciante". A Caldas Júnior

oferece algumas vantagens às imobiliárias, agências de publicidade e anunciantes de carros: dá 20 por cento de desconto. Os preços atuais do Correio do Povo para o centímetro do pequeno anúncio no balcão são de Cr\$ 3,80, aos domingos, e Cr\$ 2,30 nos dias úteis.

Numa dessas faixas é que a Zero Hora quer entrar em 76. Afinal, consta que os melhores domingos o Correio arrecada até Cr\$ 1,5 milhões quase o faturamento semanal da revista Veja. E isso pode sustentar qualquer jornal, sem sustos.

## A liberdade de imprensa e os 40 anos da ARI

"A Associação Rio-Grandense de Imprensa tem afirmado sempre, ao longo de seus 40 anos de existência, que a liberdade de imprensa e de informações é bem melhor para o governo e para o povo do que cerceamento da censura". São palavras de jornalista Alberto André, colaborador do "Correio do Povo", diretor da Famesco/Puc e presidente da ARI há 18 anos. No dia 24 passado, agradecendo a homenagem prestada à associação pela Assembléia Legislativa, André lembrou que, entre os principais objetivos da ARI, incluíam-se "a defesa da liberdade de imprensa, a assistência profissional e o estímulo a atividades culturais".

"Sofremos, com as demais entidades, quando nossos regulamentos são desrespeitados, quando um veículo de comunicação fecha as suas portas ou é esvaziado", reconheceu André ao COOJORNAL. "E temos sido rigorosamente fiel à liberdade de imprensa e de informação, reiterando-a em variadas ocasiões e dela fazendo bandeira para tomada de nossas posições. Proclamando a liberdade de imprensa com responsabilidade, temos condições de exigir-la do governo, pleitando a eliminação da censura à imprensa e o respeito aos direitos humanos".

Alberto André lembrou: "ontem como hoje, temos levantado nossa voz contra prisões de jornalistas e o agravo a jornais e emissoras de rádio e tv. Temos dialogado com o poder público e a comunidade em torno de nossas prerrogativas que são próprias da sociedade democrática que todos nós queremos". Para o presidente da ARI, historicamente, a censura e a auto-censura (esta realizada pelos próprios veículos de comunicação como "medida de precaução") são os fatores que mais prejudicam a qualidade do trabalho jornalístico em nosso país: "O Estado Novo de 1937 e a Revolução de 1964, diz ele, marcam os dois períodos da História brasileira que mais afetaram a imprensa, através das restrições que ela tem sofrido naquilo que a sociedade e a democracia tem de mais fundamental: a liberdade de expressão e informação".

## Uma pobre cobertura para a morte de Érico

Érico Veríssimo morreu às 21 horas de sexta-feira, 28 de novembro. As rádios informaram lacônicamente o fato, acrescentando alguns breves dados biográficos e as tvs recorreram a velhos tapes para dar alguma imagem à notícia apressada que estavam transmitindo. Ficou para os jornais, portanto a tarefa de confirmar e complementar as informações, e dar aos leitores já motivados as verdadeiras dimensões do fato.

Mas os jornais de Porto Alegre não perderam mais esta oportunidade para provar que o grande inimigo não é a Tv, mas o despreparo dos próprios jornais. Quem duvidar que dê uma olhada nos jornais daquele sábado. A não ser as velhas e requentadas biografias do escritor, nada ou quase nada acrescentaram ao que as rádios e as Tvs haviam transmitido na noite anterior. Zero Hora, que deu a capa toda, três páginas internas e incluiu opiniões sobre Érico, foi o que se saiu melhor.

Falta de tempo? Não, Francisco Franco morreu a 1 da manhã e todos deram segundo clichê, incluindo extenso material já preparado anteriormente. Foi falta de agilidade e imaginação das redações mesmo. E, como se não bastasse a parca cobertura, alguns ainda afundaram em desastradas tentativas de fazer, nas manchetes, trocadilhos com o título da principal obra do escritor como "Passou o tempo e o vento, fica sua obra", "Érico partiu com o vento" e etc.. (Luiz C. Cunha).

## Razões para anunciar nos nanicos

Em três páginas, a última edição da revista Propaganda, analisa a chamada imprensa independente (ou nanica) e apresentando-a como uma nova opção de mídia. Mas cinco itens detalhadamente explicados mostrou que jornais como Ex, Opinião, Pasquim, Movimento, Ordem do Universo podem ser muito eficientes para veicular certo tipo de anúncio, e ainda são inexplorados.

Em cinco anos, a circulação global dos tablóides era de 60 mil exemplares semanais; com a entrada de novos veículos, subiu para 150 mil; e hoje somente as marcas citadas atingem cerca de 230 mil exemplares. Outro dado importante: esses jornais são comprados pela classe A e B.

O público que compra esses jornais é mais fiel. Lê inteiramente todas as suas reportagens e, por saber das dificuldades que passam seus editores, redatores e repórteres, daí importância aos artigos e, portanto credibilidade aos anúncios veiculados. Além disso, para os anunciantes o custo da centimetragem nesses jornais é bem mais econômico do que o

## A verdade, não o ópio

ARTIGO DE JOSÉ GORAYEB, TRANSCRITO DO BOLETIM DA ABI

O jornalista trabalha e pensa correndo. Um decreto que comissões de técnicos e burocratas discutiram e elaboram em meses de reuniões tem de ser esmiuçado e interpretado na redação em dois tempos. O repórter escreve correndo, o editor edita correndo.

Morre um político importante, e o dia de trabalho na redação será uma correria: é preciso cobrir em poucas horas o velório e o enterro, enquanto se examinam e se antecipam todas as conseqüências políticas e sociais do acontecimento, que no dia seguinte o leitor (já informado do lead pelo rádio e tevê) exige do jornal a análise, a prospectiva.

O jornalista vive no correr dos fatos, e desta voragem brota um perigo. Envolvido na torrente, ele está sujeito a se deixar arrastar sem reação crítica, a optar pela interpretação mais disponível. O repórter é mais vulnerável a este risco, porque trabalha diretamente com o personagem, com o episódio. Ele é um registrador do dia-a-dia; à custa de registrar, sua visão pode tender a cair na ótica média-quer dizer, na vigente. O distanciamento crítico - um dos atributos profissionais obrigatórios - transmuda-se então em indiferentismo; este num ceticismo difuso, o de quem não crê em nada porque "já viu tudo", como disse Henriot; daí para o cinismo ele caminha apenas um passo e basta mais um para o conformismo.

O jornalista começa por perder a visão abrangente da notícia; no contato com o personagem, não mais sabe tomar distância para enxergar sua falha; no contato com o acontecimento não ultrapassa o paroquial, não se afasta para julgá-lo da dimensão social. Cai na visão deformada do motorista que, numa recente enquete sobre o Dia da Árvore, disse que era preciso, sim, mais árvores na cidade, mas para dar sombra ao seu carro, e com estacionamento junto, para ele poder deixar o carro embaixo; ou do técnico (do próprio órgão ligado ao assunto!) que sugere substituir os trens da Central por ônibus alegando que estes são mais confortáveis, esquecido do dado elementar de que no âmbito do transporte de massa o trem é considerado insubstituível em qualquer país civilizado.

O jornalista passa então a imitar o seu público, a absorver os modismos, começando pelos de linguagem. Proliferam as expressões viciosas como "o ensino primário está precisando de apoio logístico para alcançar um bom nível", ou o "posicionamento dos clubes grandes na tabela é débil". Num momento como o atual, em que se dificulta o exercício da missão de noticiar - e em que as informações são muitas vezes veladas por ambíguas sutilezas - redatores e repórteres habitam-se a não ousar afirmar nada, a atribuir tudo a "fontes", ao condicional. Por Exemplo: o vício do "deverá haver", em vez do "haverá", de tal forma se disseminou que hoje escreve-se "deverá quando não há dúvida alguma a respeito - nem há risco de dizê-lo: "deverá tomar posse hoje, na Academia de Letras..."; "deverá começar hoje o vestibular" etc.

É uma escalada: após absorver os modismos de linguagem, os jargões do momento, o jornalista arrisca-se a adotar também os da sociedade e da ordem vigente. Numa fase movediça com a atual, em que a notícia precisa vestir-se de véus, a informação correta é quase um luxo, e a própria verdade passa a ser uma exceção. É difícil manter a lucidez; só graças à cultura o jornalista conseguirá permanecer à tona e preservar sua visão abrangente - e a vítima disso é a nova geração, cujo acesso à cultura é notoriamente mais difícil.

Ela é o mirante do qual olhamos por sobre os ombros curvado e as cabeças inclinadas dos que já têm os pés presos ao atoleiro em que não germinam idéias novas. Graças a ela mantemo-nos atentos e fortes - e certo de que se abdicarmos um minuto da consciência do que ocorre em volta estaremos começando a ser triturados pela engrenagem.

Num cenário de fariseus e falsos valores, a cultura é a tábua de que os jornalistas, especialmente os mais jovens, precisam valer-se para conseguir informar sem deformar. Inclusive porque quando a realidade é desalentadora o próprio leitor pede, muitas vezes, exatamente o entorpecimento, a alienação; o dever do jornalista, neste caso, é, como disse Alceu Amoroso Lima, fornecer-lhe não o ópio que ele pede, mas a verdade de que precisa.

das grandes empresas.

E, talvez um dos aspectos mais importantes para os publicitários é a liberdade que

a imprensa independente oferece: a possibilidade de uma criação livre, fora dos padrões dos anúncios convencionais.



## Todos de olho nesta ação contra a censura

Vários jornais do país aguardam com forte interesse o final da ação que o Estado de São Paulo move contra a censura, alegando prejuízos por ter sido impedido de vender sua matéria prima - a informação - e pedindo indenização por perdas e danos. O Estadão entrou na Justiça contra o Poder Público durante o governo de Médici, quando foi instaurada a censura prévia e sua ação baseia-se em dois pontos fundamentais: 1) num regime de livre iniciativa toda a empresa legalmente constituída tem direito de vender o seu produto e não cabe ao poder estatal coibir qualquer operação legal com esse fim; 2) a Censura foi discriminatória, impedindo o jornal de publicar informações que seus concorrentes publicavam.

As chances são remotas, mas jornais como Movimento, Opinião e vários outros aguardam. Se o Estado vencer, firma-se jurisprudência da qual eles poderão se beneficiar. Afinal, para o tipo de jornal que são, com a quase totalidade da receita proveniente da venda avulsa, eles tem sido os mais prejudicados com as proibições. A direção de Movimento, por exemplo, afirma que a censura foi decisiva para que o jornal sofresse contínuas quedas atualmente em torno dos 12 mil exemplares, quase cinco vezes menos que o previsto.

## Congresso da SIP em São Paulo: a RBS esteve lá

COOJORNAL errou, no seu número 1, de 15 de novembro de 1975, ao informar que nenhum gaúcho participou da 31ª reunião da Sociedade Interamericana de Imprensa (SIP) realizada em outubro em São Paulo. O jornalista Mauricio Sirotsky Sobrinho, diretor - presidente da Rede Brasil Sul de Comunicação, era um dos 330 delegados que durante uma semana analisaram e debateram a situação da Imprensa no Continente. O jornal Zero Hora é filiado à SIP e Mauricio Sirotsky, como seu representante participou inclusive de uma das comissões formadas durante o encontro.

# Quatro anos depois, todos se queixam

LEVANTAMENTO ENTRE OS FORMANDOS DA PUC E DA UFRGS REVELA QUE QUASE TODOS OS 93 ALUNOS SAEM INSATISFEITO COM O QUE RECEBERAM NO CURSO.

Jorge Goulart, 15 anos, filho de um vendedor de amendoins, vem todas as manhãs da Vila Restinga ao centro de Porto Alegre para vender jornais. Recebe Cr\$ 0,25 pela venda de cada um. Quase sempre trabalha até a noite e, por isto, como seus seis irmãos, não pode estudar. No dia 23 de dezembro, Jorge estará sentado na cadeira de honra da formatura dos alunos do oitavo semestre da Faculdade de Meios de Comunicação Social da PUC; a mesma cadeira onde, no ano passado, sentava o diretor da Rede Globo de Rádio e Televisão, Armando Nogueira.

Não é conto de fada, não. É um protesto dos formandos da PUC depois de quatro anos em que, de acordo com a opinião da maioria, não aprenderam nada. Dos 77, apenas 37 já estão trabalhando em órgãos em comunicação e são unânimes em afirmar que o que sabem aprenderam na prática, "na porrada do dia a dia de jornal". A situação dos que ainda não começaram a trabalhar em jornalismo confirma esta opinião. Eny Stefano Garcia, por exemplo, funcionária do INPS, deposita suas esperanças de trabalhar na profissão num concurso de reclassificação que o Instituto vai promover. Com o diploma e com o concurso, ela espera ascender ao gabinete de imprensa para ganhar um salário de Cr\$ 2.000,00.

O mesmo acontece com os formandos do Curso de Jornalismo Gráfico e Audio Visual da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS. Isolda Quintana, uma das duas formandas da UFRGS que ainda não trabalham na profissão, não tem esperanças de um dia trabalhar em jornal. Com o que aprendeu na Faculdade não acredita que possa fazer

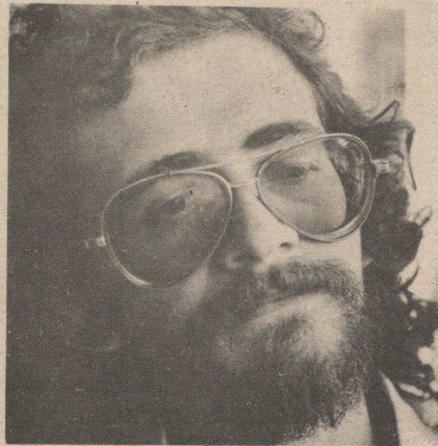
outra coisa numa redação que não servir cafezinho. Ela acredita que se tivesse começado a trabalhar antes, talvez pudesse seguir a profissão. Como não fez assim, continuará como professora.

Os outros 14 formandos da UFRGS que já estão na profissão, explicam que aprenderem jornalismo no emprego. A faculdade não ensina porque "parte de um pressuposto incoerente com a idéia de jornalismo e com o mercado de trabalho: propõe um currículo técnico e não consegue cumprir sua proposição". Os alunos gostariam de um currículo menos técnico, que oferecesse maior embasamento cultural (economia, política, sociologia).

Além das deficiências no curso, as duas Faculdades não auxiliam os alunos a conseguirem os estágios profissionais que eles necessitam. Dos 37 alunos da PUC que trabalham na profissão atualmente, só três, enviados a Santa Catarina, conseguiram o estágio através da Faculdade. Na UFRGS, nenhuma. Nas duas faculdades, o meio mais comum de conseguir emprego é ser apresentado por colegas que já trabalham.

Depois de formados, as perspectivas não são melhores. Os salários dos formandos estão por volta de Cr\$ 1.200,00 a 2.500,00. Estabilidade é coisa rara. Entre os formandos da PUC, 80 por cento estão em seu terceiro emprego. Tempo disponível também é difícil. Mesmo estudando, grande parte já trabalha em mais de um lugar.

Em tempo: o lema que os formandos da PUC estão querendo escolher é uma frase de Jorge, seu paraninfo: "Eu vivo de teimoso".



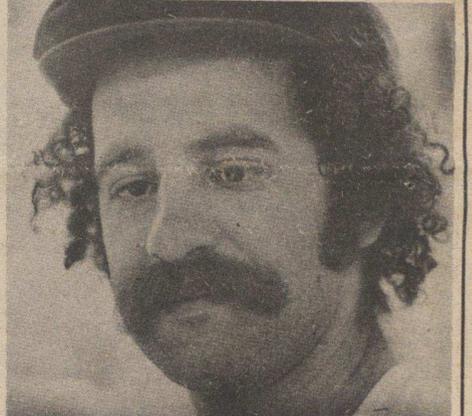
Baibich: ninguém sai preparado



Malta: uma ilusão



Lucia: vou agitar outras



Andreatta: anos inúteis

## "Tiau, faculdade, não levo saudades..."

### ENGANO

"Se eu não tivesse iniciado no trabalho antes de terminar a faculdade, não teria condições de enfrentar o mercado que já é pequeno. Quem sair da aula pensando que poderá trabalhar sem dificuldades está enganado!" (Nelson Baibich - Puc)

### CULPADOS

"No fim saímos da Universidade como culpados porque não aceitamos o vazio e porque nada fizemos para enchê-lo. O olhar recriminador dos novos está lá. Até que eles se transformem, também, em réus - e eles já desconfiam desse perigo. O ciclo é podre mas não desmancha. Pode ser pintado mas em pouco tempo a tinta sai: por baixo, teremos outra vez a verificação de que perdemos quatro anos ouvindo coisas inúteis" (Humberto Andreatta - Ufrgs)

### DINHEIRO

"É verdade, sempre se aprende alguma coisa. Mas certamente a conclusão principal que sobra, depois de quatro anos, é que

de fato tudo não passa de uma questão de dinheiro. Tiau, faculdade, não levo saudades." (José Antonio S. da Silva - Puc)

### DECEPÇÃO

"Os quatro anos de faculdade foram, para mim, uma constante decepção. É como alguém na multidão: Os professores são desinteressados e, muitas vezes, quando se encontrou um ou outro que se interessou, eles viram que não ia adiantar nada uma tentativa heróica para mudar todo um esquema. Recursos? Nem se fala, o pouco que tem já está caindo aos pedaços." (Sílvia Gusmão - Ufrgs)

### FALÊNCIA

"Talvez exista coisa melhor, talvez exista coisa pior... Em termos gerais, a universidade só não faliu porque, para construir curar ou informar, é preciso diploma. A lei exige. Apesar da universidade, atualmente, ter perdido suas duas grandes atrações: canudo não dá mais status e nem é canal por onde

escorre dinheiro. Pelo contrário". (Ana Maria de Almeida - Puc)

### INUTILIDADE

"Falar da inutilidade do curso já se tornou rotina ao longo destes quatro anos. É muito ruim reconhecer que foram quatro anos perdidos não fosse o conhecimento de algumas pessoas que não seriam encontradas em outros cursos... Possuímos uns quatro ou cinco professores que se revezam para das aulas as mais diversas, mesmo que nunca tenham ouvido falar no nome da cadeira. Esse foi um dos problemas piores." (Isolda Quintana - Ufrgs)

### FOME

"...o negócio é que a coisa está tão bagunçada que o melhor remédio seria parar e começar tudo de novo. Não se pode dizer que faltem condições de trabalho porque o problema mesmo é um nível baixíssimo de informação do pessoal. Também eu não poderia atribuir o fato de ter ido trabalhar no interior apenas

à má preparação que a faculdade me deu. O principal é que eu estava morrendo de fome em Porto Alegre e precisava ganhar para viver". (Carlos Fernando Poeta - Puc).

### AGITAÇÃO

"A experiência de quatro anos de faculdade de jornalismo fez apenas apenas com que eu desistisse da idéia de ser realmente uma jornalista... Vou encarar a profissão por uns tempos, mais por uma questão de necessidade. Depois, vou agitar outras". (Maria Lúcia Guimarães - Ufrgs)

### INGENUIDADE

"A partir do momento em que me dei conta da incoerência e do absurdo do curso de jornalismo onde eu havia ingressado depois de enfrentar um senhor vestibular ficou mais fácil aceitá-lo. O simples contato com um ambiente de jornal foi suficiente para me mostrar a ingenuidade do curso e a ilusão em que ele se constitui provando que eu não poderia esperar nada mais do que sair formado". (Clóvis Malta - Ufrgs)